

O Cântico dos Cânticos 1, 14-16; 2, 1-2

14 *O espôso*. Vê como tu és formosa, amiga minha, vê como tu és bela, os teus olhos são como os das pombas. (9)

15 *A espôsa*. Vê como tu és formoso, amado meu e gentil. O nosso leito está alcatifado de flores:

16 As traves das nossas casas são de cedro, os nossos tetos de cipreste.

CAPÍTULO 2

AMABILIDADE DE CRISTO, E DA IGREJA SUA ESPOSA. LOUVORES QUE ELA LHE DÁ. FAVORES QUE LHE FAZ. CUIDADO QUE TEM, PARA QUE NADA PERTURBE A ALEGRIA, E SOSSÊGO, QUE ELA TEM NÊLE.

1 *O espôso*. Eu sou a flor do campo, e a açucena dos vales. (1)

2 Bem como é a açucena entre os espinhos; assim é a minha amiga entre as filhas. (2).

uma flor branca e cheirosa, dêle pendem os seus frutos à maneira de cachos, e de fragrância também suavíssima. Era célebre em Engadí, antiga cidade da Palestina junto ao mar Morto na tribo de Judá, pelos jardins que produziam o bálsamo, os árabes conhecem esta planta pela denominação de henné (*Lawsonia Inverni*). As egípcias serviam-se destas fôlhas para a pintura das mãos, cabelos e pés. Esta moda invadiu o Oriente e entrou na Judéa.

(9) OS TEUS OLHOS SÃO COMO OS DAS POMBAS — Isto é, uns olhos cheios de amor, de suavidade, de modéstia. — Bossuet.

(1) EU SOU A FLOR DO CAMPO — O hebreu tem com mais especificação: "Eu sou a rosa do campo de Saron", campo (ainda que do mesmo nome se conhecem outros mais na Judéa) entre Jope e Cesaréa, o qual passou como a provérbio para significar um terreno fértil e aprazível. São pois estas palavras uma profecia da Encarnação do Verbo, de como havia de nascer de uma Virgem, sem ter pai sôbre a terra. — Pereira.

(2) ASSIM É A MINHA AMIGA ENTRE AS FILHAS — Isto é, a Igreja entre as seitas heréticas. — Teodoro,

O Cântico dos Cânticos 2, 3-7

3 *A esposa.* Bem como é a macieira entre as árvores dos bosques, assim é o meu amado entre os filhos. Eu me assentei debaixo da sombra, daquele, a quem tanto tinha desejado: E o seu fruto é doce à minha garganta. (3)

4 Ele me fez entrar na adega, onde mete o seu vinho, ordenou em mim a caridade.

5 Acudi-me com confortativos de flores, trouxe-me pomos, que me alentem: Porque desfaleço de amor.

6 A sua mão esquerda se pôs já debaixo da minha cabeça, e a sua mão direita me abraçará depois.

7 *O esposo.* Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pelas cabras montesas, e veados do campo, que não perturbeis à minha amada o seu descanso nem a façais despertar, até que ela se queira erguer. (4)

(3) **DEBAIXO DA SOMBRA DAQUELE** — No sentido histórico alude a esposa ao costume nupcial, que era cobrir o esposo a esposa, como lá dizia Rute a Booz (Rut 3, 9): "Lança a tua capa sobre mim": isto é, numa frase honesta e cheia de pudor: Admite-me no teu leito. No sentido místico significa esta sombra a graça do Espírito Santo, que fecundou a Virgem Mãe; ou a especial proteção de Deus, em que as almas puras têm todo o seu descanso. — Bossuet.

(4) **EU VOS CONJURO, FILHAS DE JERUSALÉM, PELAS CABRAS MONTESAS** — Estas filhas de Jerusalém são as damas, que acompanham a esposa. E o conjurá-las o esposo pelos "veados e cabras montesas", denota que as donzelas da Judéia eram apaixonadas pelo exercício da caça, bem como das espartanas e fenícias o supõe Virgílio no primeiro livro da *Enéida*. Ora o costume destas damas da esposa era cantarem dois epitalâmios aos esposos; um à tardinha, quando eles estavam para se recolher; outro de manhã, quando a esposa se havia de levantar. Assim se colhe de Teócrito no *Idílio* 18, em que ele descreve as bodas de Helena com Menelau. Conjura pois o esposo as damas da esposa e as conjura pelo que elas mais amavam, que era a caça da montaria, que não acordem com o seu canto a esposa, mas a deixem dormir quanto tempo ela quiser. Isto é quanto ao sentido histórico. Quanto

8 *A espôsa.* Aquela é a voz do meu amado, ei-lo aí vem saltando sôbre os montes, atravessando os outeiros:

9 O meu amado é semelhante a uma cabra montesa, e a um veadinho: Ei-lo aí está pôsto por detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, estendendo a vista por entre as gelosias.

10 Eis-aí o meu amado, que me diz: Levanta-te, apressa-te, amiga minha: pomba minha, formosa minha, e vem. (5)

11 Porque já passou o inverno, já se foram, e cessaram de todo as chuvas. (6)

ao espiritual, este não querer o espôso que as damas acordem a espôsa, é proibir que os inimigos da Igreja a não inquietem dos seus santos exercícios; ou é não querer que quando a alma santa está absorta na contemplação das coisas celestes, a tirem dela os mundanos. Não é contudo a sua tenção proibir absolutamente, que ela não trate nunca do bem dos próximos, mas sim deixar à sua vontade, que ela de si mesma desperte. Porque das almas perfeitas é saber discernir, dizem S. Gregório e S. Bernardo, quando se devem aplicar aos atos da vida contemplativa, quando aos da vida ativa.

(5) **LEVANTA-TE** — Segundo o estado das almas, assim Deus a cada uma delas chama por diferentes maneiras, dizendo à que se acha prêsã com os grillhões da culpa e o quer seguir: **Levanta-te** à que vai aproveitando na vida espiritual: **Apressa-te** à que o serve já no possível grau de perfeição: **Vem.** Por onde mui adequadamente corresponde aqui à primeira o nome de **amiga**, pois o deseja ser do seu espôso; à segunda o de **pomba**, em razão da candura e pureza dos seus costumes; à terceira o de **formosa**, pelo esmalte refulgente de tôdas as virtudes sinceras e heróicas de que está ornada.

(6) **PORQUE JÁ PASSOU O INVERNO** — Isto é, o tempo da perseguição, o tempo da tentação. "Apareceram as flores na nossa terra". Apareceu a alegre, e suspirada paz. "Chegou o tempo da poda". O tempo de cortar pelos pecados, de moderar as paixões. "Ouviu-se na nossa terra a voz da rôla". A voz daquela ave amiga da solidão e habitante dos altos, daquela ave fidelíssima

O Cântico dos Cânticos 2, 12-14

12 Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda: Ouviu-se na nossa terra a voz da rôla:

13 A figueira começou a dar os seus primeiros figos: As vinhas estando em flor lançaram o seu cheiro. Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem: (7)

14 Pomba minha, tu nas aberturas da pedra, na caverna do muro cerrado, mostra-me a tua face, soe a tua voz dentro nos meus ouvidos: Porque a tua voz é doce, e a tua face graciosa. (8)

e castíssima amante, que nunca admite senão a um consorte; daquela ave, que mais geme, e como que suspira, do que canta.
— Bossuet.

(7) **A FIGUEIRA COMEÇOU A DAR OS SEUS PRIMEIROS FIGOS** — Pelos figos verdes se entendem aqui todos os justos do Antigo Testamento e depois dêles todos os apóstolos e discípulos de Jesus Cristo; e pelas vinhas, como diz Menochio, as Igrejas dos gentios, que largamente difundiram a fé católica pela conversão de tantos milhares de almas, em tão pouco tempo. Convida pois o espôso a espôsa a que se alegre com os mencionados frutos da sua colheita. — Pereira.

(8) **POMBA MINHA** — O costume ordinário das pombas campestras é irem fazer o ninho dentro da concavidade das penhas, ou aberturas das paredes do campo. Isto pôsto, convida aqui o espôso a sua mui prezada espôsa, a que vá assistir com êle no retiro da solidão, sem chegar a conhecer outro amor senão o seu, refugiando-se naquele lugar, onde lhe será mui deleitosa a sua vista e mais suave a sua voz. E tal é o sentido literal; porém no místico a pedra de que aqui se fala, é Cristo; “as aberturas da pedra” são as chagas das mãos e pés; “a caverna do muro”, ou da maceria (que também é terno português), significa a chaga do lado, segundo a inteligência dos Padres. E nesta conformidade exorta o espôso a espôsa, a que repouse nas suas chagas onde ficará segura das aves infernais, que sempre andam arrepinando; e também achará o socorro, amparo e consolação que deseja, dando-lhe a certeza de que lhe será mui agradável a sua voz interrompida de soluços e gemidos, quando implorar a sua misericórdia, em razão de fervente caridade, que lhe mostra, e por querer ali, qual outra pomba, criar

O Cântico dos Cânticos 2, 15-17; 3, 1

15 Apanhai-nos as rapôças pequeninas, que destroem as vinhas: Porque a nossa vinha está já em flor.

16 O meu amado é para mim, e eu para êle, que se apascenta entre as açucenas, (9)

17 até que sobre o dia, e declinem as sombras. Volta: Sê semelhante, amado meu, à cabra montesa, e ao veadinho, que corre sôbre os montes de Beter. (10)

CAPÍTULO 3

DESASSOSSEGO DA ALMA, DE QUE SE AUSENTOU CRISTO. ESFORÇOS QUE ELA DEVE FAZER PELO ACHAR. CUIDADO QUE DEVE TER EM CONSERVÁ-LO. COMO EM CRISTO TEM A ALMA O SEU DESCANSO. ATENÇÃO DE CRISTO EM IMPEDIR QUE NINGUÉM LHO PERTURBE.

1 *A espôsa.* Eu busquei de noite no meu leito aquêla a quem ama a minha alma: Busquei-o: E não o achei (1)

os seus filhinhos, isto é, os bons pensamentos, e enternecidos afetos, que tanto lhe agradam, e sobremaneira o lisonjeiam.

(9) **O MEU AMADO É PARA MIM E EU PARA ÊLE** — Poucos são os que podem dizer: "O meu amado é para mim e eu para êle". Assim nos diz aquêla que de todos os seus sentidos está unido a Deus e não sabe cuidar noutro objeto. Não aquêla a quem não basta o Filho de Deus, em quem se acha tudo. Não aquêla, que tendo-se-lhe mandado que vendesse todos os seus bens e os desse aos pobres, se entristeceu. Mas di-lo aquêla que pode dizer com Pedro: "Eis aqui deixamos nós tudo e fomos em teu seguimento." — Santo Ambrósio.

(10) **DE BETER** — Os Setenta traduziram **montanhas de cavidades**. Não se sabe quais eram estas montanhas; mas pode supor-se que eram estâncias ameníssimas e muito aprazíveis. Eusébio diz que estas montanhas ficavam a duas milhas de Jerusalém.

(1) **BUSQUEI-O E NÃO O ACHEI** — Não achou a espôsa ao espôso, porque o buscou no leito, isto é, no lugar do descanso, das delícias, da magnificência; e quem quiser achar a Cristo, deve-o